

“ROTINA” DE DESAFIOS ENFRENTADOS NO CONTEXTO DE AULAS REMOTAS:

Intérprete de Libras em foco

Rayssa Feitoza Felix dos Santos
Universidade Federal de Pernambuco
Caruaru – Brasil
rayyssa.felix@gmail.com

Ariana Bezerra de Macêdo Moraes
Universidade de Pernambuco
Garanhuns – Brasil
bezerraariana7@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho consiste numa apresentação de relato de experiência do intérprete de Libras entrevistado, que atua na área da educação durante o período enfrentamento à Pandemia do COVID-19 tendo, portanto, interpretado aulas remotas. O intérprete entrevistado traz detalhes de quais desafios enfrentou no contexto analisado por esta pesquisa, exemplificando dificuldades e como superou cada uma delas. Apontamos ainda, com base nos dados coletados, possíveis pontos positivos e negativos do trabalho remoto para intérpretes de Libras sob o olhar do intérprete participante, que vivenciou essas situações. Nossa pesquisa tem abordagem qualitativa, por trabalhar com o universo dos sentidos, significados, atitudes; elementos não quantificáveis em nossa pesquisa. O objetivo geral deste estudo é analisar as condições de atuação do intérprete de Libras em tempos de aulas remotas. Não esgotamos as discussões neste artigo, sendo possível a realização de outros trabalhos para ampliar os debates.

Palavras-chave: Intérprete de Libras, Ensino remoto, Educação de surdos.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se insere na perspectiva inclusiva do contexto educacional, pois trata da atuação dos intérpretes de Libras, profissional fundamental para que os alunos surdos tenham acesso aos conteúdos e interações em sala de aula. No entanto, com um recorte para o período atípico que temos vivenciado devido a Pandemia do COVID-19, que nos impôs a necessidade de distanciamento social, acarretando a substituição das aulas presenciais pelas aulas remotas, afim de colaborar com a preservação coletiva da saúde.

Bem sabemos que a educação já possui inúmeras lacunas em seu formato presencial. Essas lacunas se agravam e seus contornos se tornam mais contrastantes ao refletirmos sobre uma adaptação que precisou acontecer de forma emergencial em todo o sistema educacional, desde educação infantil até o ensino superior.

É nesse contexto em que surge a urgência em pesquisar acerca da atuação deste profissional, quais condições de trabalhos são oferecidas, quais os desafios, entre outros itens relevantes ao contexto da educação de surdos que permeiam a atuação do intérprete de Libras.

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar as condições de atuação do intérprete de Libras em tempos de aulas remotas. E como específicos: identificar quais têm sido os maiores desafios da atuação do intérprete educacional de Libras no contexto pandêmico; verificar possíveis pontos positivos da atuação remota; e, apontar os impactos do ensino remoto na educação de surdos sob o olhar do intérprete de Libras.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Pandemia do novo Coronavírus ou COVID-19 afligiu o mundo e de repente tivemos nossas vidas viradas pelo avesso. Muitas instituições sociais precisaram fechar suas portas, por tempo indeterminado, mal sabíamos que passaríamos mais de um ano em meio às incertezas como estamos vivendo. No início, diante do receio de adoecer e a situação piorar, as escolas precisaram se reinventar para dar andamento aos processos de ensino e aprendizagem. Dessa forma, “Adotaram-se aulas remotas para que as atividades não fossem paralisadas e os estudantes prejudicados em seu processo de aprendizagem” (VERCELLI, 2020, p. 49). No entanto, por ter acontecido de forma emergencial o período de aulas remotas trouxe consigo inúmeros desafios para todos os profissionais envolvidos.

Um dos principais desafios insurge relacionado ao meio pelo qual as aulas deveriam começar a acontecer, o meio digital que é mediado por inúmeros aplicativos, plataformas e dispositivos.

A tecnologia já apresentava forte influência sobre a sociedade, porém, com o período de isolamento os recursos tecnológicos passaram a ser essenciais para que as atividades educacionais pudessem continuar, com isso, a adaptação ao mundo digital foi premente, inclusive para o TILSE (FERREIRA; ABI-ACKEL; FARIAS, 2021, p. 31).

Ao refletir sobre o contexto geral da educação, teoricamente se o professor e o aluno estiverem conectados, pode haver uma mediação ao conhecimento. No caso dos estudantes surdos, “Mais um profissional precisa estar conectado, além do professor, e com o suporte necessário para executar seu trabalho. E não apenas estar conectado tecnologicamente, mas, conectado ao aluno”. (SANTOS, 2020, p. 5 e 6). Nessa percepção de que é necessário que o intérprete de Libras esteja conectado à aula e mais que isso, ao estudante, pode nos levar a refletir sobre os papéis dos profissionais intérprete e professor da sala regular. Afinal, não é essencial que o professor também esteja conectado ao aluno surdo?

Pois bem, aos desafios apresentados são somados ainda a não compreensão das diferenças entre os papéis destes profissionais. Santos e Gomes (2020, p. 255) contribuem ao afirmar que “muitos professores delegam ao intérprete a responsabilidade de passar o conteúdo desenvolvido em sala de aula ou até mesmo muitos alunos esperam que o intérprete desempenhe

o papel que seria do professor. [...] o intérprete às vezes assume responsabilidades que não lhe cabe”. É necessário que haja uma compreensão mais clara das definições dos papés de cada um.

METODOLOGIA

O delineamento da pesquisa ocorre a partir de uma abordagem qualitativa, uma vez que consiste, segundo Minayo (1995) em análise de atitudes, significados, dados preferencialmente não quantificáveis. Ainda classificamos esta, como pesquisa exploratória, por se apresentar num contexto atípico, em que poucas são as pesquisas voltadas para o intérprete de Libras.

Para coleta dos dados da pesquisa optamos pela entrevista semiestruturada que aconteceu de forma virtual, onde foi possível que o participante relatasse suas experiências, pontuando os desafios e superações em sua vivência profissional. O participante atua como intérprete há 16 anos, atualmente numa escola de ensino médio. Por questões éticas, o participante não será identificado pelo nome, mas mencionado como intérprete participante.

RESULTADOS E DISCUSSÃO – SUPERAÇÃO DE SUCESSIVOS DESAFIOS

Na entrevista realizada, deixamos o participante a vontade para relatar como tem sido a experiência de interpretar em aulas remotas, pedindo apenas pra que pontuasse pontos positivos, negativos e desafios. Foram vários desafios enfrentados, alguns relatados com detalhes. Um desafio mencionado foi o de buscar soluções para acrescentar a janela do intérprete às aulas remotas, uma vez que os alunos surdos assistiam as aulas pelo celular e não conseguiam visualizar a aula e o intérprete. O intérprete inclusive diz que “realmente não foi pensado no surdo, quando foi colocado essa possibilidade de usar o meet” (intérprete participante).

Dessa forma, “tive que aprender, pra solucionar esse problema, a usar um programa que usa uma câmera virtual, o OBS. De qualquer forma, eu teria q usar um outro aplicativo, o zoom pra transmitir essa aula que tava acontecendo online. Então eu busquei no Youtube como fazer isso”, relata o intérprete participante. Mas, as dificuldades não pararam. O intérprete definiu junto com os estudantes surdos que as aulas seriam ao vivo, pelo aplicativo zoom. Ele conta que “usaria um aplicativo paralelo ao google meet. [...] meu notbook começou a travar, porque usar o aplicativo zoom, esse outro aplicativo OBS como câmera virtual e o meet ao mesmo tempo deixou ele muito pesado, um notebook antigo”.

A solução encontrada para esta barreira tecnológica foi gravar as aulas e disponibilizar posteriormente no Google Sala de Aula aos alunos surdos. “Foi o meio mais fácil porque usaria apenas o google meet e um aplicativo virtual onde eu colocava uma janela de libras”. Assim, mesmo nas aulas em que os professores ministravam aulas síncronas, não acontecia dessa forma

para os estudantes surdos, prejudicando a relação professor aluno, já que o aluno não teria contato com o professor na hora na aula, diferente dos alunos ouvintes que podiam tirar suas dúvidas imediatamente. Vercelli (2020, p. 50) afirma “As aulas remotas ocorrem de forma sincrônica, portanto com a presença do professor em tempo real, sendo que as dúvidas podem ser sanadas no momento em que surgem, por vídeo ou por chat”, não para os surdos nesse caso.

O intérprete além de realizar a interpretação, que é primariamente seu papel, precisou dedicar bastante tempo para aprender e já manipular aplicativos para gravação, além da inserção da janela de intérprete no vídeo da aula, e envio para os estudantes surdos. Assim, nota-se que sua demanda de trabalho sofre aumento devido ao trabalho de outra natureza (gravação, edição, postagem, conversas com gestão para resolução dos desafios), do qual a sua atuação depende.

No entanto, não para por aqui. Para que os alunos tivessem acesso ao vídeo da aula com a janela de Libras, se fazia necessário postar esse vídeo na plataforma utilizada pelo alunos. Sobre essa etapa do trabalho, o intérprete aponta outra situação: “como é que eu podia fazer isso, colocar no Google Sala de Aula? Será que eu teria que enviar pra um professor postar? E se o professor não soubesse postar as aulas gravadas? Ou, se ele não tivesse tempo pra isso?”. Após essas colocações, o intérprete relata a solução parcial encontrada por ele. “Solicitei que me adicionasse como professor adjunto, de cada matéria. Então alí eu tenho acesso na minha turma a todas as matérias e eu tive a oportunidade de convidar as alunas que até então não tinham entrado na sala usando o código da sala”. Após ser adicionado como professor adjunto, foi solucionado o problema de postagem dos vídeos das aulas com janela do intérprete. Entretanto, conforme relatado pelo intérprete participante, nem todos os professores ministram suas aulas ao vivo. Surge o questionamento: e aqueles que “apenas enviam atividades escritas baseadas no livro didático?” (Intérperte participante) Diante de situações como esta, o intérprete relata “não pude fazer muita coisa, porque eu não tenho acesso ao livro didático. Aqueles professores que passavam atividades escritas e colocavam lá o word ou PDF no Google Sala de Aula, eu interpretava as perguntas e as alternativas da atividade”.

Outra situação desafiadora para o intérprete participante surgiu quando professores disponibilizaram para os estudantes vídeo-aulas do Youtube que não tinham janela de Libras. Sobre esse tipo de vídeos, o intérprete participante afirma “que eles tem direitos autorais eu não poderia infringir direito autoral por inserir janela de Libras e gravar direto do Youtube. Então eu tinha q buscar um método alternativo”. Vale ressaltar que todas essas questões apresentadas não faziam parte necessariamente da rotina do intérprete nas aulas presenciais, onde ele poderia se dedicar à interpretação, sem se preocupar com o acesso do aluno ao seu trabalho. O meio alternativo encontrado não era nada simples e rápido. Já que não era possível gravar a

interpretação das vídeo-aulas do Youtube enviadas pelos professores, por questões de direitos autorais, o intérprete precisou procurar no canal da Secretaria de Educação vídeo-aulas relacionados ao conteúdo vivenciado pela turma.

No canal do Youtube foi uma complicação porque eles não tem as aulas separadas por assunto, por temas, apenas tem: 'aula de geografia, 1º ano, aula 1'. Então não sabia qual a matéria. Tinha q abrir cada um pra ver se aquela aula daquele dia tinha sido referente aquela aula que o professor tava dando em paralelo. Então isso foi um grande desafio pra mim. Perdi muito tempo pra buscar essas aulas, já que o próprio professor não colocava vídeo aulas com janelas de Libras (Intérprete participante).

Diante desse relato, podemos inferir que não há clareza no papel de cada profissional, uma vez que, procurar materiais adaptados às especificidades dos alunos da turma para apresentar em aula é atribuição do professor regente. Santos e Gomes (2020) afirmam que muitos professores delegam ao intérprete de Libras a responsabilidade pelo ensino aos estudantes surdos. Compreendemos por outro lado que o professor também está sobrecarregado nesse contexto de aulas remotas. No entanto, se esse cuidado em pensar nos surdos ao procurar materiais e decidir estratégias de ensino já estivesse consolidada nas aulas presenciais, talvez tivéssemos uma situação diferente agora. Chamamos, portanto, a atenção para os papéis dos profissionais envolvidos no processo.

Embora o contexto vivenciado pela sociedade no último ano seja desolador, o intérprete participante elencou pontos positivos do trabalho realizado de forma remota. Uma das vantagens mencionadas pelo participante é a obrigação de aprender novas tecnologias, visto como algo positivo, no sentido de levar o profissional em busca de maior conhecimento. Além disso, trabalhar no ambiente doméstico, para o entrevistado, consiste na possibilidade de tornar o ambiente mais agradável proporcionando maior conforto para realização do trabalho. E, em meio à uma Pandemia, o estar trabalhando em casa significa de certa forma mais proteção, conforme o intérprete participante.

Como principais pontos negativos foi mencionada a falta de retorno das alunas surdas, uma vez que havendo a gravação e envio das aulas, os estudantes não dão um feedback da interpretação, e dúvidas que possam surgir não são muitas vezes apresentadas ao intérprete e ao professor, devido não acontecer de forma simultânea a interpretação da aula. Outro ponto abordado foi a diminuição do vínculo afetivo com o aluno surdo, pelo pouco contato. E, por fim, “falta de treinamento para o uso de novas tecnologias, o que acarreta perda de muito tempo buscando alternativas e às vezes não é a melhor alternativa” (Intérprete participante). Sobre possível impacto que o intérprete participante percebe na aprendizagem do surdo, o impacto

é grande, principalmente de maneira negativa, porque poderia dizer, o aluno agora, falta, diminui a comunicação com seus pares, então diminui a expansão da Libras. É claro que a Libras é a língua deles mas mesmo assim ele já tem pouco contato com

outras pessoas surdas, principalmente aqui na cidade aqui é pequeno então esse contato de diário dentro da escola, claro que vai expandir a Libras, uma hora ou outra a gente vai aprender um sinal novo, na própria aula e aí eles vão se comunicar vão repetir isso várias vezes. (intérprete participante).

Outro impacto mencionado foi em relação ao “aluno às vezes não tem autodisciplina para estudar autonomamente”. E ainda, um impacto no âmbito pessoal, “alguns surdos tem ficado mais propensos a doenças emocionais por causa dessa ausência é claro que isso aí é âmbito pessoal mas também afeta no educacional porque ele não fica estimulado a estudar” (intérprete).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intérprete participante traz dados inovadores e detalhados, nesse cenário de aulas remotas para estudantes surdos, o que torna evidente a necessidade de mais estudos e providências nesse contexto, para que alunos surdos não sejam prejudicados com falta de acesso ao conhecimento. Inclusive porque o intérprete que participou da pesquisa apresentou bom manejo, rápido e autônomo aprendizado do uso de ferramentas que possibilitaram a adequação de vídeos com janela de intérprete. No entanto isso não é algo simples e provavelmente muitos intérpretes não dominam essas ferramentas. Encontramos intérpretes que não têm facilidade em manusear aplicativos tão específicos, como os de edição de vídeo, o que se torna uma limitação e pode levar o profissional intérprete a buscar outras possibilidades. Assim, nosso artigo cumpre o objetivo de analisar as condições de atuação do intérprete de Libras em tempos de aulas remotas. E, suscita novas pesquisas no intuito de aprofundar cada vez mais as análises sobre as diversas possibilidades encontradas por intérpretes de Libras no contexto pandêmico para continuar tornando acessíveis as aulas aos surdos.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, A. C. A. X; ABI-ACKEL, K. F; FARIAS, F. N. A. Os impactos da pandemia da COVID-19 nas atividades profissionais dos tradutores e intérpretes de língua de sinais. **Web-Revista Sociodialeto** – NUPESD / LALIMU, v. 11, n. 33, mar, 2021.

SANTOS, R. F. F. A atuação do intérprete de Libras em tempos de pandemia: reflexões acerca de possibilidades e desafios. IV Congresso Internacional de Educação Inclusiva. **Anais...** Campina Grande: Realize, 2020.

SANTOS, C. N; GOMES, A. F. Desafios enfrentados por alunos com deficiência, professores e intérpretes: um estudo na UESB, campus Vitória da Conquista. **Perspectivas em Diálogo**, Naviraí, v.7, n. 15, p. 251-272, jul.-dez. 2020.

VERCELLI, L. C. A. Aulas remotas em tempos de COVID-19: a percepção de discentes de um programa de mestrado profissional em educação. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 47-60, 2020.